

A UTILIZAÇÃO DE TOADAS SOBRE LENDAS AMAZÔNICAS E A PEÇA *ROMEU E JULIETA*, COMO PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO, PARA TURMAS DE 9º ANO, EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL, NO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Márcio Azevedo da Silva (UnB)¹

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar uma possibilidade diferente para atrair o aluno do 9º ano do ensino fundamental a começar a ler William Shakespeare, como forma de letramento literário, em uma escola pública no município de Parintins. O contato com toadas de Boi-Bumbá, especialmente as que concernem a relacionamentos amorosos entre casais pertencentes a tribos distintas, pode ativar um elo entre os enredos indígenas e a história dos famosos amantes Romeu e Julieta. A partir dessa relação entre o conhecido do discente, será possível apresentar-lhe o desconhecido que o aguarda na disciplina Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Literário; Romeu e Julieta; Tamba-Tajá; Adana; Lendas Amazônicas.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present a different possibility to attract the 9th year high school students to start reading William Shakespeare as a form of literary literacy in a public school in the town of Parintins. Contact with Boi-Bumbá songs, especially those related to romantic relationships between couples belonging to different tribes, can activate a link between the Amazon tales and the history of the famous Romeo and Juliet lovers. From this relationship between the student's acquaintance, it will be possible to introduce him to the unknown that wait him in the Portuguese Language discipline.

KEYWORDS: Literary Literacy; Romeo and Juliet; Tamba-Tajá; Adana; Amazon Tales.

INTRODUÇÃO

De acordo com Cosson, é preciso partir do conhecido pelo aluno para alcançar com maior possibilidade de sucesso o desconhecido. A partir dessa premissa, pretende-se aqui apresentar uma proposta de letramento literário voltada para o 9º ano do ensino fundamental, em uma escola pública estadual no município de Parintins, no Amazonas, com foco para a disciplina Língua Portuguesa.

Atrair a atenção dos alunos para a disciplina, em si, já se trata de um grande desafio para o professor de Língua Portuguesa, tendo em vista a falta de disposição que os discentes demonstram para com as aulas, especialmente se apenas baseadas em normas gramaticais de forma não significativa. Baseado em relatos de muitos estudantes é como se não vissem razões

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília – UNB. e-mail: m-azevedodasilva@hotmail.com

que justificassem o estudo de nomenclaturas sobre as quais não fazem parte de suas vidas fora do contexto de sala de aula.

Diante do exposto, o desafio de conduzi-los à leitura de obras da literatura universal, seria tarefa ainda mais complexa, haja vista toda a resistência apresentada no processo ensino-aprendizagem. Para tentar superar essas dificuldades, propõe-se através de algumas toadas do Boi-Bumbá de Parintins, musicalidade e temáticas conhecidas desse público-alvo, despertar a curiosidade dos estudantes para a imersão ao universo da literatura, a começar por Romeu e Julieta, de Shakespeare, tendo como fio condutor o próprio ritmo parintinense.

Os Bumbás têm um momento específico em suas apresentações em que apresentam uma lenda amazônica por noite em forma de alegoria, com uma trilha sonora chamada de toada, com seu conteúdo voltado totalmente para uma narrativa que situa o espectador no tempo e no espaço dos acontecimentos apresentados.

Dentre essas lendas musicadas, existem narrativas que em muito se parecem com o enredo da peça Romeu e Julieta, em que o casal de protagonistas pertence a famílias inimigas, motivo pelo qual a concretização de uma história de amor encontra diversos percalços ao longo do caminho.

A maioria dos alunos envolvidos nesse processo tem sua agremiação favorita, portanto, conhecem as toadas, aprendem a cantá-las e, conseqüentemente, acabam por conhecer o teor das lendas que são apresentadas no Bumbódromo, local das apresentações de Garantido e Caprichoso, em Parintins.

É provável que os discentes, pelo menos em sua maioria, não promovam um diálogo com a peça inglesa no ato do conhecimento da lenda, por isso, a ideia de utilizá-las como ponto de partida para através das divergências e similaridades propiciar uma comparação entre as duas manifestações, capaz de começar e torná-los leitores autônomos de literatura.

Posteriormente, serão apresentadas as lendas e seus enredos, suas narrativas e possibilidades didáticas para ativar nos estudantes a curiosidade necessária para buscar a leitura da peça do bardo inglês.

1 LETRAMENTO LITERÁRIO E TOADAS SOBRE LENDAS AMAZÔNICAS

Utilizar toadas de Boi-Bumbá para aulas de História ou através de histórias em quadrinhos para auxiliar no letramento literário tem ocorrido com certa frequência no cerne da educação básica, entretanto, faz-se necessário encontrar novas estratégias que possam auxiliar o processo ensino-aprendizagem a ser mais atraente aos olhos dos alunos, especialmente

quando o objetivo é fazê-los ter um primeiro contato com obras literárias. A respeito disso, Cosson acredita que “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.” (COSSON, 2014, p. 29)

Antônio Augusto Batista e Ana Maria Galvão definem o letramento com a seguinte afirmação:

De modo geral, nesses estudos, o conceito de alfabetização tem sido utilizado como o processo de aquisição das habilidades básicas de leitura e de escrita, enquanto o de alfabetismo ou letramento, originários do inglês literacy, referem-se aos usos efetivos que um indivíduo ou um grupo social fazem da leitura e da escrita. Ao lado das produções nacionais de estudos que se utilizam desses conceitos, tem havido um movimento crescente de traduções de estudos clássicos sobre o tema, demonstrando a penetração e a recepção, cada vez maior dessa perspectiva. (BATISTA; GALVÃO, 2005, p. 33)

Empreender sentido ao que será lido, com o efetivo exercício da escrita e da leitura como força propulsora para a formação de uma comunidade de leitores que valoriza e compreende a riqueza das narrativas da região onde mora, mas com capacidade de a partir desse conhecimento implementar novas descobertas, o que gera a expansão do arcabouço cultural do leitor. O uso das estratégias aqui propostas caminha nessa direção, ao propor obras não canônicas para mediar a chegada a uma peça universalmente conhecida e aclamada pela crítica.

A inserção das toadas de Boi-Bumbá para o letramento literário ajuda a desmistificar a dificuldade que os próprios alunos impõem para uma boa recepção ao ensino de Língua Portuguesa, ao perceberem uma ferramenta que lhes é muito significativa, trazida pelo ritmo e conteúdo abordado pelo gênero musical em questão. O acréscimo de outros gêneros e a aproximação da realidade dos discentes é fator determinante para quebrar barreiras impostas, em muitas ocasiões, pelas estratégias de ensino baseadas em conceitos estáticos.

Essa proximidade também ajuda a quebrar a resistência dos alunos, sobretudo dos mais jovens, mais interessados em outras formas de comunicação ou entretenimento. A mais popular das direções seguidas parece ser aquela que defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros na seleção de textos. Ela está apoiada nas recomendações dos textos oficiais sobre o ensino da área de linguagem e nas teorias da leitura como uma habilidade a ser construída pelo trânsito intenso de textos diferenciados em sua configuração discursiva e genérica dentro da escola. (COSSON, 2014, p. 33)

O aproveitamento das toadas, além de estratégia para inserir o aluno para a leitura de uma obra literária universal, contempla o que Cosson denomina como “diversidade cultural e os valores da comunidade de leitores.” (COSSON, 2014, p. 34) Dessa forma, o gênero toada,

enquanto ferramenta didática, também é uma poderosa afirmação cultural para o aluno parintinense, tendo em vista que a música somente é executada de maneira contínua durante os três meses da festa, sendo preterida por outros ritmos nos demais 9 meses do ano.

A lenda amazônica enquanto instrumento de história oral, por si só, seria um poderoso mecanismo de letramento literário na escola, mas acrescida da musicalidade composta pelos compositores de toadas, torna-se um veículo ainda mais atraente para despertar nos educandos a vontade de conhecer outras obras literárias, a partir da inserção ao mundo da leitura promovida por esses meios mencionados.

De acordo com Lima, [...] “a lenda, enquanto forma literária, permite ao leitor fazer essa ponte, através dos espaços que a história oferece. São nesses espaços que o leitor entra com a imaginação e com as experiências que são próprias, podendo daí extrair outras, que lhes serão subsídios para criar novas histórias (LIMA, 2006, p. 80).”

O gênero toada de Boi-Bumbá, além de levar ao aluno um conhecimento de sua própria cultura, que se encontra nas fímbrias do material didático trabalhado em sala de aula, consegue unir toda riqueza cultural a um ritmo característico da cidade onde vive, tornando o processo ensino-aprendizagem mais agradável para os envolvidos.

O educador deve obter uma postura de responsabilidade ao integrar a música na educação, pois seu papel é o de transformador da realidade e os melhores resultados de um trabalho pedagógico ocorrem com educadores que leem, estudam, pesquisam, perguntam, criam e planejam buscando sempre inovações e melhores condições para os alunos. (FARIA, 1998, p. 80)

O processo de salvaguardar as narrativas indígenas ocorria de forma oral, tendo em vista a não existência de um sistema de escrita. O repasse das histórias contadas pelos mais velhos aos mais jovens garantia a eternização das lendas de geração para geração. Com a chegada da palavra escrita, ainda assim, os indígenas preferiram continuar com os registros utilizando a oralidade como forma de manter a memória sempre viva.

Fatos, acontecimentos e estórias são memorizados e ensinados por meio da palavra oral. A memória é, portanto, instrumento privilegiado entre essas pessoas que não utilizam a escrita para realizar suas transações econômicas, contratuais ou artísticas; é o registro da tradição, dos valores e conhecimentos da comunidade, desde coisas mais práticas, como a construção dos instrumentos de pesca, até a elaboração das concepções religiosas e artísticas. (RONDELLI, 1993, p. 33)

Dentre várias vantagens que se encontram na exploração do gênero toada para fortalecer o letramento literário, é preciso ressaltar as múltiplas possibilidades que são inerentes a esse ritmo, isto é, ao introduzir em suas aulas a levada musical dos bumbás, os alunos reconhecem

não apenas o conteúdo abordado pelas obras, mas as coreografias de palco que são executadas nos ensaios das agremiações.

Além disso, essas coreografias criadas para as toadas que versam sobre as lendas amazônicas, ganham uma grande riqueza de elementos cênicos, o que tornam os movimentos mais complexos, mas ao mesmo tempo, mais desafiadores para o torcedor que tenta executá-los.

Portanto, o professor que escolher a toada como recurso didático, terá ao seu dispor os recursos da narrativa da lenda, a melodia, e incontáveis caminhos cênicos coreográficos, a criatividade para criar cenários e figurinos para interagir com seus discentes. A partir desse prisma Snyders faz a seguinte afirmação:

A função mais evidente da escola é preparar os jovens para o futuro, para a vida adulta e suas responsabilidades. A música pode contribuir para tornar esse ambiente mais alegre e favorável à aprendizagem, afinal propiciar uma alegria que seja vivida no presente é a dimensão essencial da pedagogia, e é preciso que os esforços dos alunos sejam estimulados, compensados e recompensados por uma alegria que possa ser vivida no momento presente. (SNYDERS, 1994, p. 34)

Nesse processo, a seleção das toadas e o objetivo que se pretende alcançar com as suas utilizações são fundamentais para o sucesso das atividades. É interessante notar que foi possível encontrar no espólio das toadas sobre lendas amazônicas, mais precisamente nas indígenas, mais de uma narrativa que se enquadra com a proposta elaborada para ser desenvolvida em sala de aula.

2 UM BREVE RELATO SOBRE A PEÇA ROMEU E JULIETA E AS TOADAS SOBRE AS LENDAS AMAZÔNICAS TAMBATAJÁ E ADANA

A peça Romeu e Julieta, de William Shakespeare (1564-1616) atravessa o tempo e segue recebendo adaptações no mundo todo, tanto para séries televisivas como para o cinema e o teatro. A temática do amor impossível nessa fase da vida humana, especialmente, parece ainda tocar os corações de públicos diversos em diferentes formas de manifestação, sendo que as maneiras pelas quais a peça é revisitada abre um leque de possibilidades, até então, inesgotáveis.

A peça é datada do final do século XVI. É uma das maiores obras da literatura universal e uma das mais famosas tragédias do escritor inglês. Está constituída em cinco atos, compostos

por diversas cenas. Romeu Montecchio é o único filho da família e Julieta, a única filha dos Capuleto. Ambas famílias têm grandes divergências, uma história de grandes disputas.

Romeu pretendia casar-se com Rosalina, até o dia em que conhece Julieta em um baile de máscaras, ocorrido em Verona (Itália). Ao acontecer o primeiro contato, não sabiam pertencer a famílias inimigas e que um relacionamento poderia gerar desdobramentos desagradáveis.

Compadecendo-se da situação do jovem casal, frei Lourenço, amigo de Romeu, ao nutrir esperanças de que aconteceria uma futura reconciliação entre as famílias envolvidas, realiza uma cerimônia de casamento clandestina. Por causa da morte de Teobaldo, primo de Julieta, e Mercúrio, amigo de Romeu, após um combate envolvendo os três, o jovem Montecchio é expulso de Verona, entretanto, visita sua amada durante as noites.

Julieta está prometida para Paris, um parente do príncipe. Ela tenta de todas as formas adiar a data do casamento, mas não consegue, com isso, frei Lourenço lhe oferece uma bebida, que segundo ele fará com que pareçam estar morta. Ao enviar uma mensagem para informar a Romeu sobre o plano, esta não chega às suas mãos. Baltasar, seu criado, o informa sobre a suposta morte da amada.

Sem saber o que fazer, Romeu compra um veneno, dirige-se à cripta da família Capuleto, onde mata Páris e encontra o corpo de Julieta. Toma o veneno na sequência. Ao despertar e perceber que o amado está morto, a jovem tira a própria vida com um punhal.

Após esse breve resumo sobre a peça de Shakespeare, a seguir será apresentado de maneira sucinta o enredo da lenda Tamba-Tajá. Segundo Pereira (1980), a lenda conta que um casal de índios apaixonados desafia a ira da rivalidade dos povos aos quais pertencem. Uiná é um guerreiro do povo Taulipang. É dotado de grande coragem e beleza. Acami é uma bela cunhã do povo Macuxi. Notada por seus traços perfeitos e destacados diante das outras indígenas. Ocorre que Taulipang e Macuxi são povos inimigos, o que inviabiliza, pelo menos de maneira pacífica, o amor entre os dois. Embora essa relação não tenha a aprovação de ambos os povos, o casal insiste em estar junto na maior parte do tempo, sendo conhecidos como aqueles que nunca se separavam. Todos os dias Uiná e Acami correm rápido como o vento pela mata à dentro, banham-se no rio e trocam declarações de amor eterno. Um dia, o romance dos dois foi descoberto e, temendo o pior, fugiram para não serem mortos por suas famílias.

Com o passar dos dias, os apaixonados ficam ainda mais ligados um ao outro, com isso, Acami fica grávida, mas seu filho nasce sem vida. Esse acontecimento tira suas forças a ponto de deixá-la sem conseguir caminhar. Uiná constrói uma espécie de maca, confeccionada a partir de palmeira e gravetos. Pela dificuldade de locomoção de Acami, Uiná a amarra junto às suas

costas para que os dois estejam sempre juntos. Dessa forma os dias se passam, até que ao colher frutas do campo, sente que o peso da amada está acima do normal, o que o leva a constatar que Acami está morta.

A morte da cunhã fez com que Uiná perdesse a vontade de viver. Cavou uma sepultura à margem do igarapé, local que representava o primeiro encontro dos amantes, com profundidade suficiente para caber os dois juntos. Com o passar dos dias é possível notar, no lugar onde foram enterrados, o nascimento de uma planta única, sem equivalência em lugar algum. Assim se fez o surgimento do Tamba-Tajá. As folhas suscitavam duplicidade. Na parte superior havia uma folha grande como representação de Uiná. Abaixo havia uma folha de menor tamanho, em forma de órgão sexual feminino, em uma referência a feminilidade da linda cunhã. A planta brilhante é lembrada como a eternização do amor que venceu a morte, a eterna união de Uiná e Acami.

Por outro lado, a lenda de Adana, cujo conteúdo foi retirado do artigo denominado “*A lenda de Adana: preservação de patrimônio imaterial em oficina de Língua Portuguesa*”, de autoria de Mônica Caron, Hylio Fernandes e Dulciana Garrido. A narrativa conta que esta bela índia do povo Tupi, dona de uma singular beleza, tinha o dom de chamar atenção por seus predicados físicos, capazes de embevecer os homens de seu povo e dos povos inimigos. A linda cunhã é filha do cacique da aldeia e está prometida em casamento ao guerreiro Curucuí.

O problema para que esse enlace acontecesse se dava porque Adana não amava seu futuro marido, a quem estava prometida. Certo dia, próximo ao rio, ela avistou Biburí, um guerreiro da tribo Baré, um povo rival dos Tupi, apaixonou-se e decidiu não mais casar-se com Curucuí. No dia do casamento, Adana resolve fugir de sua aldeia em companhia de Biburí utilizando uma canoa. O casal é perseguido por Curucuí, impelido por ira e desejo de vingança. Este os encontra no meio do rio onde imediatamente começa um duelo entre os dois guerreiros, o que resultou na morte dos três.

Com isso, Curucuí e Biburí se tornaram duas corredeiras, enquanto Adana se transformou em uma ilha, que posteriormente recebeu seu nome. A lenda ressalta que em noites onde o luar se destaca, as nações guerreiras celebram essa história de amor no local onde a tragédia aconteceu como forma de homenagear a bela guerreira Adana e seus dois pretendentes.

3 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ROMEU E JULIETA E AS LENDAS AMAZÔNICAS TAMBA-TAJÁ E ADANA

Ao ter um primeiro contato com as Lendas Amazônicas abordadas neste artigo, constata-se um diálogo imediato entre o eixo central dos enredos com a peça inglesa de William Shakespeare, Romeu e Julieta. Em Tamba-Tajá as semelhanças começam pela questão de um casal que vive um amor proibido, em que cada um deles pertence a um povo indígena inimigo, a exemplo dos Capuleto e Montecchio. Com isso, a união entre indígenas pertencentes a povos rivais é inconcebível nesse contexto de guerra.

Tanto a peça de Shakespeare como a lenda de Tamba-Tajá são tragédias, haja vista o fim que é escolhido para os casais de protagonistas. Na peça de Shakespeare, ao perceber que Julieta estava supostamente morta, Romeu tira a própria vida para se reencontrar com a amada em um outro plano, enquanto na narrativa amazônica, Uiná toma a mesma atitude ao notar que Acami está morta.

Uma diferença importante de perceber entre as duas obras diz respeito à questão da rivalidade, uma disputa com outra pessoa pelo amor da mulher protagonista, o que não consta em Tamba-Tajá, em que Acami não está prometida a nenhum outro pretendente. Sobre a fuga do casal, esta aconteceu somente para que escapassem da ira de seus respectivos povos, ou seja, não havia nenhum rival para perseguir o casal.

Em contrapartida, na lenda da ilha Adana, existe um rival para o prometido da bela cunhã, trata-se de Buburí. Além disso, os dois pretendentes, como acontece em Romeu e Julieta, morrem juntamente com a amada, o que aproxima ainda mais a lenda da peça Shakespeariana. A narrativa de Adana também é uma tragédia, somando-se ao fato de envolver duas tribos inimigas e contar com a temática do amor impossível, presente na lenda de Tamba-Tajá e na peça inglesa. Outro elemento conciliador entre a lenda e Romeu e Julieta está à ação da fuga, em que os amantes precisam desvencilhar-se de seus perseguidores, não apenas dos familiares, mas do rival, que pretende atrapalhar de qualquer maneira o enlace proibido.

4 PROPOSTA PARA UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A utilização de duas lendas amazônicas para promover o letramento literário, aqui objetivado para a peça Romeu e Julieta, de forma alguma, compreende que os alunos de 9º ano de uma escola pública estadual, no município de Parintins, devam atribuir um valor maior ao

trabalho de Shakespeare, se comparado às narrativas dos povos indígenas, pelo contrário; a ideia é que a partir do conhecimento destas, os discentes possam expandir o horizonte de leitura, ao aproveitarem o diálogo que se estabelece entre as duas manifestações artísticas. A respeito disso, Cosson corrobora com a seguinte afirmação:

É esse compartilhamento de leituras sem a imposição de uma obra sobre a outra, antes com a certeza de que a diversidade delas é necessária para o crescimento de todos os alunos, que constrói uma comunidade de leitores. É o reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita, que identifica o leitor literário. (2014, p. 94)

Para que qualquer proposta didática funcione, é preciso que o público a quem ela está destinada esteja motivado para desenvolver as etapas necessárias para um desfecho de sucesso. Sendo assim, a primeira etapa será motivar os alunos de 9º ano para esse trabalho de letramento literário. Cada aula tem a duração de 50 minutos. A previsão para o cumprimento das etapas que serão detalhadas a seguir, gira em torno de 08 a 10 aulas.

4.1 MOTIVAÇÃO

Como atividade de preparação, de introdução dos alunos para aquilo que se pretende, o professor entregará cópias impressas da letra da toada Tamba-Tajá, que faz parte do álbum musical do boi Caprichoso, temporada 2003. A música foi composta pelos compositores Hugo Levy, Neil Armstrong e Sílvio Camaleão — um trio conhecido por compor juntos há muitos anos e serem mestres na elaboração desse gênero de canções para lendas amazônicas românticas.

A parceria desses compositores marcou um estilo de compor lendas mais melódicas, afinal tratavam de temáticas sobre amores impossíveis, finais trágicos e descobertas da beleza para além das questões físicas. A veiculação da toada, com a letra em mãos, visa prender a atenção dos alunos para o que será tratado mais adiante. Enquanto ouvem a melodia, acompanham o texto escrito pelos compositores. Em um primeiro momento, todos reconhecerão tratar-se do gênero toada e, talvez, de uma lenda amazônica.

A letra da toada, que foi trilha sonora da lenda Tamba-Tajá, apresentada na arena do Bumbódromo pelo boi-bumbá Caprichoso em 2003, alterna de maneira fidedigna momentos de descrição com passagens poéticas em que se compreende o destino dos enamorados:

O vento dos campos

No escuro da noite
Esfriando as serras
Na água azul
Na serra da lua
Os segredos da terra
Índio Taulipang
E índia Macuxi
Fugindo da ira das tribos
Amor de verdade
Uiná e Acami

E os dois nunca se separavam
Na caça, na pesca, no rio a banhar
Na força da lua
Curumim sem vida nasceu
E para maior tristeza
Acami não pode mais andar

E veio o sol
E o sol foi embora
E veio a lua
E a lua desapareceu

Ao final da execução, o professor começará a instigar os alunos sobre o que trata a toada, pois dentro do festival de Parintins, a trilha sonora está dividida em toadas genéricas, de itens, de galera, lendas amazônicas e rituais indígenas. Depois da detecção do objetivo da toada, eles serão questionados sobre quais outras lendas amazônicas conhecem.

Em seguida, o professor distribui as cópias da letra da lenda amazônica Tamba-Tajá, de onde os compositores extraíram o conteúdo para a composição da toada. Eles devem proceder a leitura e comparar com a letra da toada. O objetivo é saber se a música conseguiu alcançar o objetivo de descrever as principais temáticas a serem exploradas. A leitura deve prosseguir para casa, tendo em vista que o tempo de aula dura apenas 50 minutos. Na sequência desta aula, os alunos deverão identificar na letra da música os possíveis temas tratados na lenda.

4.1.1 Leitura, interpretação

Na aula seguinte, o professor começa a aula pedindo aos alunos que identifiquem possíveis temas tratados pela lenda, além de apontarem na letra da toada se os compositores conseguiram abordá-los sem que esses assuntos tenham passado despercebidos. Para reforçar as temáticas trabalhadas em Tamba-Tajá, o professor entregará aos alunos a narrativa sobre a lenda de Adana. A primeira leitura pode ser feita em sala de aula, entretanto, será feito em casa o aprofundamento para a próxima aula.

4.1.2 Contextualização

Na aula seguinte, o professor começará perguntando sobre do que se trata a lenda de Adana, e se os alunos conhecem histórias de amores impossíveis, tanto no âmbito dos livros, como em uma possível história real que tenha ocorrido no meio familiar ou entre pessoas conhecidas próximas.

Espera-se que tenham muito a dizer sobre o assunto, tendo em vista a sua recorrência em filmes, séries, novelas e, até mesmo, entre eles próprios, a julgar pela faixa etária em que se encontram entre os 13 e 14 anos. Ao contrário de Tamba-Tajá, Adana nunca teve uma toada aprovada contando sua história, portanto, ela será utilizada como forma de contextualizar os temas que aproximarão as lendas de Romeu e Julieta.

Na próxima aula, será possível tratar sobre as demais temáticas abordadas, tais como a rivalidade entre famílias e um assunto extremamente delicado e atual como o suicídio. Diante disso, o professor pede aos alunos que tragam por escrito, nomes de obras que literárias ou não, que tratem sobre os conteúdos mencionados. É bem possível que algum aluno encontre ou conheça Romeu e Julieta, portanto, há uma possibilidade clara de que alguém suscite o nome da obra no próximo encontro.

4.1.3 Romeu e Julieta

Mesmo que nenhum aluno mencione o nome da peça, o professor alertará a todos que o preâmbulo realizado tinha como objetivo chegar à peça de William Shakespeare. Depois disso, fala-se de maneira sucinta sobre o autor e a obra, em seguida, pede-se que os alunos utilizem o restante do tempo da aula para ler a peça, que será entregue pelo professor. A leitura deverá ser concluída em casa para a aula seguinte.

No começo da próxima aula, os discentes serão divididos em grupos de 5 e escreverão um texto com o objetivo de encontrar fatos convergentes e divergentes entre a peça e as lendas. Essa atividade escrita é imprescindível no processo de letramento literário, conforme palavras de Cosson:

Na verdade, o que se pretende é que a escrita esteja sempre acompanhando a leitura. Em primeiro lugar, trata-se de uma questão de registro, que é a função primordial da escrita em nossa sociedade. Depois, o registro do processo de leitura permite que a cada fase o aluno repense e revise seus pressupostos anteriores. É assim que as primeiras impressões de leitura ganham densidade

e o letramento literário se efetiva tanto em relação a uma obra, uma vez que ela é lida com intensidade pelo aluno e pela turma, quanto pela ampliação da capacidade de ler textos literários, na medida em que a consulta a procedimentos e resultados registrados em relação a uma obra serve de base para as leituras posteriores. (Op. cit., p. 105)

No começo da aula seguinte, o professor pede aos grupos que leiam os textos que identificaram as semelhanças e diferenças contidas na peça e nas lendas, em seguida, discute-se a possibilidade de elaborar um evento que possa envolver todos os nonos anos da escola, como uma espécie de culminância.

O professor começa apresentando suas ideias sobre o que os alunos poderiam produzir para esse momento de apresentações. Sugere que se dividam em grupos, depois cada um escolheria uma forma de representar as leituras que foram realizadas. Um grupo poderia trabalhar com a representação teatral de Romeu e Julieta com motivações indígenas, isto é, o casal de protagonistas seria de tribos indígenas da Amazônia, em vez de sobrenomes italianos, seus nomes seriam acompanhados por sobrenomes típicos entre os índios, ou juntar Romeu e Acami ou Buburi e Julieta, são ideias que podem propor algo novo a ser desenvolvido.

Outras possibilidades teatrais seriam de apresentações de peças teatrais das duas lendas amazônicas em questão. Além disso, um dos grupos poderia compor uma toada para a lenda de Adana, sendo que os próprios alunos poderiam tocar e cantar a composição, assim como coreografá-la. Assim, a atividade agregaria música, artes cênicas e dança.

Apresentar esses tipos de resultados após o processo de letramento literário é de fundamental importância pelo fato de que:

Como é de praxe, é importante que o resultado da expansão seja registrado pelos alunos. Quando a obra primeira serve de ponto de partida para a leitura de várias obras segundas, uma feira literária, com os alunos apresentando para toda a escola o resultado da expansão, pode ser a melhor atividade a ser desenvolvida. (COSSON, 2014, p. 95)

O registro feito pelos alunos pode ocorrer de diversas maneiras. Quem optar por apresentar uma peça teatral, por exemplo, entregará o texto por escrito, com as falas dos personagens, além da possibilidade que se abre para filmagens da apresentação. Esse material poderá ficar nos arquivos da escola e no acervo pessoal dos discentes, o que geralmente é motivo de grande satisfação para eles, poder assistir e mostrar para outras pessoas aquilo que produziam em tempos de estudante.

O professor deverá reservar uma aula inteira para repassar aos alunos tudo que foi pensado como forma de sugestões para as apresentações no dia do evento, que poderá ser concebido como uma feira literária. Após a exposição do docente, os grupos terão um espaço

para ajustes ou acréscimos às ideias apresentadas ou sugerir novas ideias sobre as quais será preciso refletir criteriosamente, no sentido de aproveitá-las ao máximo, tendo em vista o objetivo de valorizar o poder criativo dos envolvidos.

Definidas as atribuições de todos os grupos, o professor cederá mais uma aula para que sejam elaborados os textos das peças, para os que optarem por representação teatral, além das questões que envolverão os cenários, as indumentárias, as definições dos papéis dos personagens e as atribuições para os alunos com características de timidez, pois esses sentem alguma dificuldade com trabalhos dessa natureza, podendo lhes ser atribuídas outras funções na engrenagem do evento.

4.1.4 Avaliação

De acordo com Cosson (2014, p. 111) “de certa forma, pode-se dizer que há um consenso teórico sobre a avaliação como um diagnóstico da aprendizagem e das condições em que ela se realiza.”

Todas as atividades propostas pelo professor a partir da introdução desse processo de letramento literário deverá fazer parte do quesito avaliação, como forma de medir o aprendizado dos alunos e a atuação do professor enquanto mediador das tarefas aplicadas.

A percepção dos alunos em comparar a peça e as lendas amazônicas, tendo a compreensão de fatores divergentes e convergentes, a refacção textual para a apresentação de Romeu e Julieta em versões indígenas, o que gera uma adaptação com motivos amazônicos, a interpretação dos personagens através das artes cênicas, dentre tantas outras habilidades que serão exploradas para a execução dos trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo é comprovar que é possível promover “educação literária” de forma significativa, isto é, utilizar narrativas que fazem parte do meio social dos alunos como forma de expansão para o alcance de outras obras da literatura universal. Além disso, com o enfoque às lendas amazônicas, atribui-se a relevância que merecem, pois fazem parte de um espólio ainda desconhecido e marginalizado por muitas pessoas, inclusive da nossa região.

A proposta de letramento literário aqui apresentada abre possibilidades para que os alunos não apenas conheçam o texto, mas que interajam, modifiquem, transformem de acordo

com um senso de leitor literário adquirido ao longo do processo conduzido entre as lendas e a peça.

A sequência didática elaborada com as obras aqui trabalhadas podem transpor a função da literatura como fruição, pois permite aos alunos posicionar-se criticamente diante do que lhes foi apresentado, por isso, foram permitidas as adaptações aos textos, aos cenários e aos nomes dos personagens, como forma de possibilitar a ressignificação de sentidos de acordo com a visão de mundo dessa nova comunidade de leitores.

Buscar novos caminhos que possam conduzir os alunos ao letramento literário se faz necessário, caso contrário; as práticas de ensino continuarão enfadonhas e repetitivas ao passo que os alunos em vez de se tornarem leitores, passarão a detestar qualquer atividade em que a leitura seja o objetivo principal.

É importante mais que criatividade por parte dos docentes para encontrar saídas didáticas com potencial de promover o letramento literário, pois enquanto condutores de todo o processo, estes precisam ser acima de tudo leitores. É exatamente na leitura e nas possibilidades que se abrem através desta, que o mediador do processo ensino-aprendizagem será capaz de propor novas estratégias para a formação de leitores autônomos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. "Práticas de Leitura, Impressos, Letramentos: uma introdução". In BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. (org.). **Leitura, práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CARON, Monica Filomena; FERNANDES, Hylío Lagana; GARRIDO, Dulciana. "A lenda de Adana: preservação de patrimônio imaterial em oficina de Língua Portuguesa". In: **Revista Ciência em Extensão da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"**, São Paulo, v. 8, n 3, p. 157-162, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª edição. 3º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FARIA, Anália Rodrigues de. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1994.

LEVY, Hugo; ARMSTRONG, Neil; CAMALEÃO, Sílvio. Tamba-Tajá. In: **90 anos de raízes e tradições na Amazônia. Boi-Bumbá Caprichoso**, 2003. Parintins, Amazonas. CD-ROM.

LIMA, Antônia de. "O desenvolvimento dos processos cognitivos da criança mediados pela arte Literatura". **Revista Amazônica** - Programa de Pós-Graduação em educação da Faculdade de educação da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, ano 11, n 1, 2006.

PEREIRA, Nunes. **Moronguêta**: um Decameron Indígena. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Brasília: IML, 1980.

RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido**: o processo comunicativo das narrativas orais entre os pescadores do Maranhão. 1ª edição. Rio de Janeiro: Funarte/IBAC, Coordenação de folclore popular e cultura popular, 1993.

SHAKESPEARE, William. **Tragédias**: Romeu e Julieta, Hamlet, Macbeth. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1994.

Recebido em: 12/06/2020

Aprovado em: 19/07/2020

Publicado em: 12/08/2021